

## **(Re)Descobrir D. Catarina de Bragança: Variações de um Caso Anglo-Português em Romances Históricos do Século XX em Língua Inglesa<sup>1</sup>**

*Maria da Conceição Emiliano  
Castel-Branco  
FCSH/CETAPS*

### 1.

**F**igura durante muito tempo apagada pela história, a imagem da Rainha D. Catarina de Bragança tem vindo a ser redescoberta progressivamente. Variadíssimos autores se debruçaram sobre a sua biografia, a diplomacia, o problema histórico da aliança política, os tratados e o casamento, a iconografia, a sua figura como mulher, o regresso a Portugal, os paços onde viveu, o envolvimento em assuntos de Estado nas duas vezes em que foi regente do reino, entre outros aspectos.

A elaboração da tese de doutoramento intitulada *A Melhor Jóia da Coroa. Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa*, (Castel-Branco, 2005) tornou possível analisar e aprofundar a projecção de D. Catarina de Bragança na literatura inglesa. Tratava-se de um espaço em aberto pois, durante um longo período,

---

1. Este artigo é uma versão da comunicação "(Re)Descobrir D. Catarina de Bragança: Variações de um Caso Anglo-Português em Romances Históricos do Século XX em Língua Inglesa", apresentada no âmbito do *2nd International Conference on Anglo-Portuguese Studies*, que teve lugar na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, de 18 a 20 de Abril de 2011.

minimizou-se e subvalorizou-se a importância da presença da rainha portuguesa em Inglaterra, a sua repercussão seminal na literatura inglesa do seu tempo, assim como a dimensão dessa repercussão até à actualidade. Ao contrário do que alguns investigadores afirmaram, não só os textos literários existentes sobre D. Catarina de Bragança não são insignificantes, como o interesse e a qualidade de alguns deles ultrapassam as omissões ou breves comentários sobre a sua figura que se encontram em histórias de Inglaterra.<sup>2</sup> De alguma forma, o trabalho referido pretende contribuir para o (re) conhecimento da tradição literária existente em torno da figura da infanta portuguesa que se tornou rainha de Inglaterra, incluindo obras do século XVII até aos nossos dias, da poesia ao romance histórico, da sátira à biografia. Na realidade, não sendo um mito, a tradição catariniana na literatura inglesa está ligada ao mito da aventura e da diáspora lusitana no mundo e tem início com a sua presença em Inglaterra, como segunda figura do reino.<sup>3</sup>

Este estudo pretende sublinhar a imagem de D. Catarina de Bragança, vista por autores de romances históricos em língua inglesa em que a rainha é a personagem principal. Essas narrativas de ficção histórica contribuem para fundamentar a existência de uma tradição literária em Inglaterra em torno daquela que, no seu tempo, foi designada, pelo próprio rei Charles II, como “a melhor jóia da Coroa”.

- 
2. Cf. “As Comemorações, a Poesia e as Artes do Espectáculo por Ocasião do 350º Aniversário da Entrada em Londres da Rainha D. Catarina de Bragança pelo Rio Tamisa”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n. 22. Dir. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: FCT/CETAPS, 2013. 105-135, de minha autoria. Ver Anexo I. D. Catarina de Bragança na Poesia Inglesa.
  3. Cf. “O Percurso Anglo-Português da Rainha D. Catarina De Bragança”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº 15. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2006. 155-203, de minha autoria.

## 2.

As representações literárias que surgem nos romances históricos em apreciação, em forma de analogia ou de variações, são expressivas do impacte e da redescoberta da figura da infanta portuguesa que se tornou consorte de Charles II de Inglaterra. Estas obras distinguem-se entre si não tanto por divergências ou antagonismos, mas mais especificamente por variações de estrutura, de estilo, de enquadramento narrativo, variações na valorização de determinados temas, na apresentação de maior ou menor documentação ou de mais ou menos ilustrações.

Durante séculos, o conhecimento histórico que se teve da rainha de Inglaterra foi forjado pela imagem disseminada por determinados autores do século XVII e seguintes. Na realidade, a figura de D. Catarina de Bragança dividiu historiadores e escritores no seu tempo e noutros tempos: são conhecidos aqueles que a defenderam (e defendem), e os que a atacaram (e atacam). No entanto, a imagem divulgada por autores como Burnet e Dartmouth, Macaulay e Forneron posteriormente, atingiu o grau de injustiça ou, mesmo, de calúnia.

As representações de D. Catarina de Bragança na literatura inglesa alteraram-se substancialmente com a descoberta de determinados manuscritos — memórias, cartas e diários — escritos na época da Restauração. Durante largo tempo desconhecidos, começaram a ser difundidos extensivamente após a sua divulgação e publicação em meados do século XIX. Os diários de Samuel Pepys e de John Evelyn, por exemplo, obras representativas da escrita memorialista da sua época, escritas no século XVII e publicadas apenas na primeira metade do século XIX, revelaram-se um manancial de informação fundamental para o conhecimento do reinado de Charles II. Do mesmo modo, foram seminais na génese de novas biografias sobre a consorte de Charles II. Para além da obra destes dois autores encontram-se igualmente referências a D. Catarina de Bragança em muitos outros manuscritos semelhantes da época da Restauração, na sua maioria narrativas íntimas escritas, na generalidade, sem pensar em publicação, como memórias, cartas e diários redigidos por homens e

mulheres do século XVII. Tornando-se acessíveis ao público ao longo do século XIX, permitiram reescrever a história da segunda metade do século XVII, mais especificamente o período pós-Restauração, depois de 1660, a reinterpretção da vida e da cultura na corte de Charles II, assim como ter acesso a variadíssimos aspectos, até então desconhecidos, da vida da rainha consorte. As narrativas íntimas e privadas, tardiamente publicadas, foram uma fonte de informação minuciosa, detalhada e inovadora ao apresentar visões prismáticas desse período, em grande parte com representações mais alargadas e diversificadas do que as imagens já divulgadas, em parte pela historiografia e pela poesia circunstancial setecentista.

Foi através da intersecção de diferentes impressões subjectivas registadas em correspondência, diários e memórias, do cruzamento da literatura e da história ou da “interpenetração da crónica e da literatura” (Sousa: 12), utilizando uma expressão de Maria Leonor Machado de Sousa, que se tornou possível (re)descobrir as múltiplas faces de D. Catarina da Bragança, concebidas pelos seus contemporâneos.

A imagem da rainha, forjada por historiadores e observadores no século XVIII, foi uma imagem contingente e construída a partir dos poucos materiais então disponíveis sobre o século anterior. Em diversos poemas do século XVII relativos à chegada, casamento e vida na Corte, e em que a Rainha D. Catarina era a protagonista, encontrava-se representada de acordo com as directrizes estéticas dos cânones em vigor, como a poesia laudatória ou gratulatória ou, de forma antinómica, através da sátira, amplamente utilizada e divulgada na época.

Os autores de diários e memórias foram observadores atentos da sociedade e da Corte, mas não estavam vinculados a normas a não ser as da sua sensibilidade, da opinião, da observação e da descrição espontânea, dentro do circunstancialismo próprio da época, e a que se pode acrescentar igualmente a correspondência a que se teve acesso. As de narrativas de carácter intimista são, provavelmente, aquelas que mais contribuíram para o surgimento de biografias e romances sobre D. Catarina no século XX, e são também as que melhor identificam o seu perfil histórico, pelo carácter humano que espelham e configuram quando se referem à rainha de Inglaterra.

Com a disponibilidade dos novos materiais mencionados, as biografias em língua inglesa que começaram a proliferar ao longo do século XIX tiveram um papel essencial na representação da rainha de Inglaterra e, por sua vez, a informação e a documentação nelas reunidas constituíram material imprescindível e fundamental para a vaga de romances históricos sobre a Rainha que gradualmente se publicou durante o século XX. Essas biografias de D. Catarina de Bragança e outras em língua portuguesa, assim como grande parte dos romances históricos, são hoje obras raras e difíceis de encontrar.

No estudo e reconhecimento da tradição literária inglesa sobre D. Catarina de Bragança, há que destacar a publicação da biografia "Catharine of Braganza, Queen-Consort of Charles the Second, King of Great Britain", parte integrante do ambicioso projecto de Agnes Strickland, *Lives of the Queens of England from the Norman Conquest* (1841), a biografia *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal and Queen Consort of England* (1908), de Lillias Campbell Davidson, que se tornou uma referência para quase todos os autores portugueses e ingleses que posteriormente escreveram sobre ela, e, também, as obras de Janet Mackay (1937), Virgínia Rau (1941) e Augusto Casimiro (1956), entre outros.

Agnes Strickland, na análise das fontes que utilizou, detectou algumas das contradições em obras de outros autores e não se coibiu de fazer sérias críticas ao que ela considerou o trabalho pouco honesto de determinados historiadores, não poupando Gilbert Burnet, do século XVII e, também, Macaulay, do século XIX, por algumas afirmações pouco justas e desadequadas à realidade histórica. Esta historiadora definiu D. Catarina de Bragança como uma rainha muito maltratada pela história, mas que sempre agiu com recta intenção, motivada pela sua consciência e sentido do dever.

Lillias C. Davidson divulgou dados inéditos e documentos fundamentais, como cerca de oitenta cartas trocadas entre D. Catarina e o seu irmão, o rei D. Pedro de Portugal, correspondência entre o soberano inglês e a sua irmã Minette, em França, onde se encontram alguns comentários sobre a consorte, cartas para o chanceler, *Lord Clarendon* e, ainda, o testamento da rainha de Inglaterra.

Janet Mackay, por sua vez, em *Catherine of Braganza* utilizou fontes inglesas, portuguesas e francesas, citou múltiplos manuscritos e utilizou, ainda, diários, cartas, memórias, obras históricas, documentos oficiais, excertos de poesia da época e, também, alguma iconografia de então. Deve destacar-se, igualmente, o facto de apresentar de forma organizada, um conjunto de momentos marcantes no percurso de D. Catarina em Inglaterra, posteriormente utilizados por outros autores em ficção histórica na sua recriação biográfica da consorte de Carlos II.

### 3.

Os romances históricos em língua inglesa sobre D. Catarina de Bragança, obras narrativas que apresentam uma imagem ficcionada da rainha, são posteriores às biografias de L. C. Davidson e J. Mackay, sendo visível o aproveitamento da documentação apresentada por estas autoras. Até à data, foram publicados os seguintes: *Restoration Carnival. Catherine of Braganza at the Court of Charles II. A Romantic Biography* (1937), de Maurice Bethell Jones; *With All My Heart. The Love Story of Catherine of Braganza* (1951), de Margaret Campbell Barnes; *Wife to Charles II* (1965), de Hilda Winifred Lewis; *Catherine of Braganza, Charles II's Queen* (1967), de Hebe Elzna; *The Sceptre and the Rose* (1967), de Doris Leslie; *The Portingale* (1976), de Alison MacLeod; *The Pleasures of Love: the Story of Catherine of Braganza* (1991), de Jean Plaidy; e *The Merry Monarch's Wife* (2008), uma reedição de *The Pleasures of Love* com um título novo. Tratou-se de uma iniciativa da editora americana Three Rivers Press que, em 2003, começou a reeditar as obras de Jean Plaidy, alterando alguns dos seus títulos.

Todos estes autores revelam formas diversas de olhar D. Catarina, mais ou menos documentadas, mais ou menos ficcionadas ou mais ou menos romanceadas, variando, inclusivamente, no que diz respeito à designação do nome próprio da rainha. O romance histórico obriga necessariamente o leitor a confrontar-se com factos da história, com elementos extratextuais e com elementos de ficção. As

obras mencionadas nem sempre revelam o rigor de um estudo histórico. No entanto, a investigação levada a cabo pelos respectivos autores é o pilar do seu carácter verosímil, supondo-se que o autor não ambiciona deturpar ou inventar os factos. Trata-se de recriar uma outra realidade, a realidade da ficção. Sem entrar em longos debates de género literário, pretende-se apresentar de forma breve e não exaustiva, algumas características destes autores e respectivos romances, muitos deles inéditos em Portugal, de forma a perspectivar a imagem que conceberam da infanta portuguesa rainha de Inglaterra, tendo em conta a contingência de poderem vir a surgir ainda novos exemplos deste subgénero literário.

#### 4.

Quando *Restoration Carnival. Catherine of Braganza at the Court of Charles II. A Romantic Biography*, de Maurice Bethell Jones, foi publicado em 1937 (V. Anexo I),<sup>4</sup> estava ainda muito próximo o lançamento da biografia elaborada por Janet Mackay. A obra de M. B. Jones contém algumas reproduções de quadros da época e a bibliografia é apresentada não como o conjunto das obras consultadas, mas como o conjunto dos autores considerados por Maurice Jones como seus colaboradores directos. O autor privilegiou, de forma quase exclusiva, a narração da vida de Catherine já em Inglaterra na Corte de Charles II, ao contrário das biografias e da maior parte dos outros romances, que se estendem por outras fases da vida de D. Catarina de Bragança, de Infanta a Rainha-viúva. O subtítulo, “A Romantic Biography”, anuncia uma biografia da rainha num contexto histórico e ficcional, com particular relevo para questões amorosas.

---

4. O conjunto de Anexos que se encontram no final do texto apresentam os frontispícios dos romances históricos em língua inglesa sobre D. Catarina de Bragança aqui mencionados, assim como as capas das traduções para português que se conhecem até agora. Na sua maioria são obras de difícil acesso.

A introdução da obra descreve o funeral da protagonista, já em Portugal, homenageada como rainha regente por representantes de toda a sociedade, clero, nobreza e povo: "For in the few months of regency for her brother she had ruled skilfully and wisely" (Jones: i) e, num tom místico ou lendário, o narrador afirma também: "But here and there in that island kingdom of the north were to be found middle-aged people who remembered her when they read of her death (...)." (Jones: ii)

A narração que se segue é construída a partir de contínuas analepses. O primeiro capítulo, dando início à perspectivação do passado de D. Catarina, começa *in media res*, com Catherine, rainha de Inglaterra, no mar alto a bordo do navio real, *Royal Charles*, a caminho do seu novo país. Nesse momento, as suas recordações viram-se nostalgicamente para a terra natal através de nova analepse, proporcionando ao leitor o relato dos episódios de despedida passados em Portugal. Assiste-se, assim, a uma progressiva regressão temporal da narrativa, através de um leque de artifícios, como por exemplo, uma analepse dentro de outra analepse, o recurso ao suspense, demonstrando, por parte do autor, uma preocupação estética com o enquadramento narrativo. O romance termina com a morte de Charles II e com o desabafo de Catherine: " 'Now I will go home to Portugal,' Catherine said. (...) Yes, I will go." (Jones: 307)

Os capítulos não estão intitulados e a acção desenrola-se em função de determinados acontecimentos, factos, celebrações, encontros públicos e privados, sem referência a datas específicas. Porém, o facto de não haver concretização temporal exacta destes momentos, o que poderia ser desejável em termos de informação histórica, sugere o pressuposto de que o leitor teria alguma familiaridade ou conhecimentos sobre o reinado de Charles II, conseguindo acompanhar da mesma forma a evolução do tempo histórico e o tempo da ficção.

Apresentando essencialmente uma história de afectos, o percurso de uma jovem rainha apaixonada apesar das infidelidades do soberano, Jones expôs, ao longo de 309 páginas, momentos



fundamentais da biografia de D. Catarina de Bragança como o seu profundo choque cultural, a entrada triunfal em Londres, a incapacidade de levar as gravidezes até ao fim e as suas consequências e o posterior descontentamento popular contra a sua religião.

## 5.

Em 1951, foi publicado simultaneamente em Inglaterra e nos Estados Unidos *With All My Heart. The Love Story of Catherine of Braganza*, de Margaret Campbell Barnes. (V. Anexo II) Sem ilustrações e sem bibliografia, apresenta uma árvore genealógica dos Stuarts, complemento histórico do romance e, em tom de preâmbulo, o soneto "How do I love thee? Let me count the ways", de E. B. Browning, de *Sonnets from the Portuguese*. Apesar de não mencionar a bibliografia consultada, os factos destacados revelam ampla investigação e conhecimentos históricos correctos, mesmo sem apresentação de datas precisas, permitindo que o romance se desenvolva a partir do percurso histórico da Rainha de Inglaterra e dos seus amores (ou desamores). Tal como no romance anteriormente mencionado, os capítulos também não estão intitulados e a passagem do tempo é equacionada pelo clima, pela mudança das estações, dos meses, de mais um ano que passou, não de anos civis em concreto. Não se trata, efectivamente, de uma obra de carácter documental, nem se dirige a quem queira dados cronologicamente rigorosos sobre a época. É essencialmente uma história que pretende dar a conhecer a vida privada da consorte de Charles II em Inglaterra.

A expressão que dá o nome ao título, *With All My Heart*, aparece recorrentemente na narrativa, com diversas variantes e através de diferentes personagens, servindo os diferentes contextos e/ou

situações.<sup>5</sup> Pensa-se que fosse uma expressão comum de Charles II e até o escritor vitoriano Charles Dickens a citou quando transcreveu as últimas palavras do soberano: “Alas! poor woman, SHE beg MY pardon! I beg hers with all my heart. Take back that answer to her.” (Dickens, 1851)<sup>6</sup>

- 
5. Apresentam-se aqui alguns dos diferentes momentos e variantes em que a expressão foi utilizada ao longo do romance. As expressões a negrito são da responsabilidade da autora deste trabalho. Num diálogo entre Charles e Catherine, em que esta, de forma emocionada, afirmou desejar dar rapidamente um herdeiro ao Rei, Charles respondeu: “When tears trembled on her dark lashes (...) they were brighter than any of those priceless pearls she had meant to wear. (...) **‘With all my heart!’** agreed Charles. ‘I cannot think of anything which would make my people – or me – love you more.’” (31); quando o Secretário de Estado, Edward Nicholas, lhe levou a lista dos nomes e nomeações da sua casa real para aprovação, Catherine respondeu: “**‘With all my heart!’** agreed Catherine, proud to be able to pronounce so glibly the gracious words so often on her husband’s lips.” (46); numa conversa íntima entre *Countess* Maria Penalva e Catherine, a dama portuguesa mais velha da sua casa real, ecoando o soneto de Browning, questionou a Rainha sobre os seus sentimentos para com o Rei: “‘How much do you love him, dear child?’ she asked. And suddenly (...) Catherine knew and accepted the implications of her answer. **‘With all my heart,’** she mimicked softly, in her husband’s tongue.” (81); na recepção da Rainha-mãe, Henrietta Maria, Charles II apareceu junto de Catherine e convidou-a a regressar na sua carruagem, mas a resposta já não saiu dos seus pensamentos, pois na carruagem real já se encontrava *Lady* Castlemaine: “Catherine looked up at him in pleased surprise. **‘With all my heart!’** was the laughing formula welling to her lips until she caught sight of Barbara Castlemaine already seated in the gilded coach.” (93); a mesma expressão serviu para descrever os sentimentos de Catherine noutra situação, quando intimamente chega a invejar a proximidade do *valet* do Rei, Toby Rustat, que o ajuda a vestir, o segue e acompanha para todo o lado: “And **with all her heart** Catherine envied him.” (165); noutro momento, quando vão receber Minette a Dover, Charles utiliza uma variante da fórmula ao pensar que ela se lembraria “**all her life**” dos dias maravilhosos que lhe iam proporcionar (184); Catherine, por seu turno, não tinha nada contra Minette, mas sentia-se entristecida por um aspecto: “it was so hard to see that light in her husband’s eyes which she, **with all her love**, could not ignite.” (184); noutra altura, numa conversa privada com o Rei, comparando os dois diaristas, Evelyn e Pepys, Catherine pergunta-lhe o que é que ele pensa deles, como é que ele os vê: “I, my dear? **Oh, with my heart**, I suppose. But my mind is always there – at the back of it – jeering.” (211); num passeio pelos jardins de St. James’ Charles e Catherine cruzam-se, apenas aparentemente, de forma casual e esta pergunta ao soberano se quer que o acompanhe a ver os novos patos, ao que ele respondeu com a expressão habitual: “**With all my heart!**” (222); num dos vários momentos de perseguição aos católicos em que James é afastado de Inglaterra, Catherine, ao despedir-se do cunhado, afirmou: “I am glad. Charles thinks this will blow over and you will both be back again soon. But whatever may befall politically, **with all my heart** I wish you many years of felicity in your family life, James.” (232); anos mais tarde, depois da morte de Charles II, numa conversa entre Catherine e John Huddleston, o padre católico que terá acompanhado Charles nos últimos momentos de vida e assistido à sua conversão, a Rainha perguntou-lhe como é que Charles reagiu quando James lhe falou num padre católico, ao que Huddleston respondeu: “With the very words you love and mimic, Madame,” smiled John Huddleston. “He said, **‘With all my heart.’**” (275).
6. V. *A Child’s History of England* <<http://www.online-literature.com/dickens/childs-history-of-england/34/>>

A acção começa em Portugal, quando Catalina, nome pelo qual a Rainha é tratada neste romance, tinha vinte e dois anos. Assiste-se ao ambiente das negociações com a Inglaterra, aos diálogos na Corte portuguesa sobre a necessidade imperiosa de uma aliança para se defenderem dos espanhóis, comenta-se o dote e as riquezas de Tânger e Bombaim como um atractivo para qualquer negociação, assim como a beleza do mobiliário rico do império português, desconhecido em Inglaterra, e para lá transportado com a comitiva de D. Catarina de Bragança. As conversas e os diálogos são o meio privilegiado pelo narrador para inserir factos históricos, conferindo verosimilhança à narrativa.

Acompanhando o ponto de vista da protagonista em momentos importantes do seu percurso, a autora sublinha a descrição do estado de choque inicial e do pouco entusiasmo de Catalina por ter que casar com um monarca protestante. Esta perspectiva contrasta com a que se encontra em certas obras historiográficas ou biografias inglesas sobre D. Catarina em que, relativamente às negociações para o casamento, privilegiam paradigmaticamente, mais do que a infanta e os seus sentimentos, as reacções e preocupações do lado inglês que, como refere o narrador, queria o comércio no Oriente e, principalmente, “ready Money”. (Barnes:16)

O ponto de vista português é também destacado através de diálogos que têm lugar na Corte, como por exemplo, quando se comenta que, apesar do problema da situação política portuguesa, enviar a infanta portuguesa por uma perigosa travessia de mar para um país estrangeiro com cultura, língua e costumes diferentes era uma situação muito pouco ortodoxa pois, em opinião de D. Elvira, uma das damas da sua *entourage*, a Inglaterra resumia-se ao seguinte: “a barbarous island where they behead their kings.” (Barnes: 17) Estes comentários e contra-argumentos só terminam quando, à semelhança do que afirmaram biógrafos e historiadores da actualidade, o narrador descreveu como o assunto se resolveu: “It was the unprotected virgin herself who accepted the sacrifice”. (Barnes:18) A partir daqui a narração prossegue com alguns elementos no enredo eventualmente ficcionais mas verosímeis, como o facto de Catalina ter ido ao convento despedir-se das freiras suas amigas e de tantas outras pessoas. A descrição

dos festejos que, efectivamente, tiveram lugar nas ruas e no rio Tejo, as manifestações de júbilo pela Infanta portuguesa que partia como Rainha de Inglaterra, a música de dia e de noite, são descritos como “A fantastic carnival of the Tagus to take her to be England’s Queen”. (Barnes: 20) expressão semelhante à da biografia de Agnes Strickland quando descreve o espectáculo de despedida no Tejo: “an aquatic carnival to testify their joy”. (Strickland: 371)

O primeiro capítulo define o carácter da protagonista, as suas incertezas iniciais, mais agudas do que as saudades, a sua ingenuidade e falta de preparação para a vida que a esperava. O capítulo segundo apresenta Queen Catherine já em Portsmouth, e a acção vai desenvolver-se até ao capítulo vinte e nove em que se encontra Catherine *Queen Dowager*, de novo em Portugal como Rainha Regente, com cabelos brancos e belos olhos escuros. Depois da aclamação e festejos pelo seu regresso, aprendeu a governar o país, pondo em prática capacidades que potencialmente já tinha e que desenvolveu e amadureceu em Inglaterra, o que levou o narrador a sublinhar de novo os pensamentos mais íntimos de Catherine: “ ‘How I wish that Charles could see me now,’ she thought, looking round the splendid throne room.” (Barnes: 280) Não deixou, no entanto, de recordar seguidamente os anos infelizes que passou em Inglaterra já viúva.

Este romance é, também, a narração de uma história de afectos: de D. Catarina por Portugal e de Catherine por Charles II, incluindo pontualmente a descrição de alguns momentos de proximidade física entre os dois. A acção desenvolve-se pausadamente, tendo em conta que até mais de metade da narrativa se passam apenas quatro anos de vida em Inglaterra. (Barnes: 182) No entanto, comenta o narrador, foi o tempo suficiente para a sua personalidade se manifestar, e para adquirir, por necessidade de sobrevivência no seu novo país, as qualidades de auto-controlo, contenção, domínio de si própria e capacidade de reacção com dignidade; em síntese, diversas formas de actuar que vieram contrabalançar a falta de preparação inicial para lidar com as amantes do rei em público e em privado. (Barnes: 53 e seguintes) O monarca apreciou a sua discrição e capacidade de ouvir as suas preocupações e descreveu-a como uma pessoa singular: “who said

little but understood". (Barnes: 172) Este admirava o seu gosto pela música e cultura e, como refere o narrador, desde que vira Catherine a ler *The Lusiards* e outras obras sobre as explorações dos navegadores portugueses, Charles II dirigiu-se várias vezes aos aposentos da rainha e passou a conversar com ela sobre esses assuntos, pois verificou que em quase todo o lado onde os navios britânicos chegavam, os exploradores portugueses já lá tinham estado. (Barnes: 109)

Muitos outros aspectos relevantes se encontram neste romance: a influência de determinados hábitos introduzidos por Catherine na Corte, o afecto que uniu o par real, a capacidade de adaptação e socialização da rainha, a sua não intervenção na política que, como a própria personagem esclarece, se devia ao facto de não querer entrar em confronto com as amantes do rei activamente políticas e também por amar o soberano: "I would have you [Buckingham] know that if I do not meddle in State affairs it is from the love I bear my husband." (Barnes: 235)

## 6.

A obra *Wife to Charles II*, de Hilda Winifred Lewis, publicada em 1965 (V. Anexo III) foi o primeiro romance histórico sobre D. Catarina de Bragança a ser traduzido para português, com o título *Catarina de Bragança Rainha e Esposa Humilhada* (1997) por Armada Veríssimo e Maria de Lurdes Ribeiro. (V. Anexo IV) Na elaboração deste romance, Hilda Lewis apoiou-se numa bibliografia bem documentada. Tendo como pano de fundo uma Corte de intrigas, violência e intolerância, a autora tentou apresentar essencialmente a relação entre Charles II e Catherine. Descreveu o soberano como excessivamente jovial, leviano, libertino e licencioso, mas também como engenhoso, estudioso, sábio e compassivo; revelou Catherine como a "loving little Portuguese princess" que soube ultrapassar a imensa dor causada pelas infidelidades do monarca e ganhar a confiança, lealdade, respeito e protecção do soberano perante uma nação que, em diversos momentos, a tentou afastar do trono pela incapacidade de ter filhos e

pela religião. Com o tempo, Catherine aceitou o seu afecto e confiança, reconhecendo que, apesar das múltiplas amantes que o enchiam de prazer, era a ela que ele regressava, pois esta envolvia-o de compreensão, afecto e amor. Hilda Lewis privilegiou, fundamentalmente, a análise e caracterização das personagens, destacando o ponto de vista psicológico e humano. A frase inicial, expressiva dos pensamentos mais íntimos de Catherine, encontra-se, de algum modo, mais próxima da ficção do que da verdade histórica: “She had always known that she was destined to be Queen of England.”<sup>7</sup> Efectivamente, em vários estudos ou biografias sobre D. Catarina, salienta-se o facto de que o mais provável é que a infanta portuguesa mais do que desejar ser rainha, cumpriu o dever de aceitar ser rainha de Inglaterra, pela causa de Portugal. Seguem-se alguns dados sobre o seu nascimento, infância, juventude, até às negociações com a Inglaterra. O epílogo apresenta Catherine of Braganza, Rainha-viúva de Inglaterra e regente de Portugal. É um capítulo de recordações, de pensamentos sobre o passado em Inglaterra, sobre Charles II e sua irmã Minette:

How often did I trouble God with my complaints that Charles whom I loved with all my heart, loved not me? I forgot what Minette said to me all those years ago; but now, now I remember it. *To be allowed to love – it is the reason for living.* So young she was for such wisdom. But I? I needed a long life to learn that truth. To be allowed to love; to keep that love faithful as long as one shall live – heaven’s best gift. Such a gift God gave me. For Charles was my dear love and I was his wife. Charles made glorious my life and for that I thank Him that knows all and orders all. (Lewis: 350)

---

7. De entre vários autores que sublinham com convicção este facto, pode destacar-se Theresa M. Schedel de Castello Branco:

É tão geral a convicção que uma coroa de rainha representava o desiderato máximo de uma princesa que não passa pela cabeça de ninguém que talvez Dona Catarina não tivesse querido ser rainha de Inglaterra. E no entanto temos quase a certeza de que assim foi. Escreve o Marquês de Sande, então embaixador de Portugal em Londres, que, não o tratando a rainha com as atenções que ele merecia, lhe perguntara, em certa altura, em que errara, para se poder emendar, e “nunca [diz ele] pude tirar de sua Majestade mais que haver eu sido a causa e instrumento de se ver rainha de Inglaterra”. (1973: 57)

Catherine é caracterizada como uma mulher inteligente e compreensiva, que soube suportar as futilidades do monarca que, em última instância, a procurava para ouvir os seus conselhos. A narrativa aborda também muitos outros temas que contribuem para a moldura histórica do romance: a peste, o incêndio de Londres, a conspiração papista ou *popish plot*, a intolerância religiosa, os problemas de sucessão, o facto de não haver herdeiro legítimo e, apesar deste facto, a recusa determinante do rei de se divorciar de Catherine. A utilização de excertos de alguns poemas de Edmund Waller, poeta da Restauração, contribui para deixar uma imagem muito positiva de uma rainha amável, paciente, inteligente e influente a nível cultural, através de determinados hábitos que levou para Inglaterra e de outros que aí adquiriu.

## 7.

Em 1967 foi publicado, sob o pseudónimo de Hebe Elsna, o romance *Catherine of Braganza, Charles II's Queen*, de Dorothy Phoebe Ansle. (V. Anexo V) A obra inclui reproduções de pinturas e retratos de algumas figuras da época, um índice remissivo no final e uma bibliografia bem documentada. Os capítulos apresentam títulos que correspondem a aspectos fundamentais da vida de D. Catarina de Bragança em termos temáticos, o que facilita o acompanhamento do enredo. Ao contrário de todos os outros romances, esta narrativa começa em 1661, um ano antes da viagem para Inglaterra, no momento em que Catherine recebeu a primeira carta de Charles Rex e a lê: "This graceful bethrothal letter was received by a girl of twenty two who, although she had never seen the writer, was romantically in love with him." (Elsna: 10) A obra destaca fundamentalmente a vida de D. Catarina em Inglaterra e o período final em Portugal como Rainha Regente. Catherine é apresentada como a rainha perspicaz e inteligente, que se soube adaptar, amadurecer e estabelecer grande cumplicidade com o soberano. A conclusão, que podia ser igualmente o início, é a explicitação dos objectivos e das razões subjacentes à elaboração da obra:

So ends this brief study of a woman remarkable for her courage, intelligence, loyalty and capacity to love. A happy woman. Few historians seem to have thought it worthwhile to record her remarkable life. As a general rule the many who have written biographies of Charles II have passed over his Consort with a few pitying, condescending sentences, describing her as the unhappy little woman brought over from Portugal to provide the King with heirs, in which duty she failed lamentably. Most have insisted that Charles cared little for her, though it would seem that his words and actions disproved this. None have recognized the community of spirit between them, which even death could not terminate. (Elsna: 187)

## 8.

O romance histórico de Doris Leslie, de 1967, *The Sceptre and the Rose*, (V. Anexo VI) é uma obra bem documentada, como se pode verificar no epílogo ou *afterword*, onde a autora apresenta a bibliografia utilizada e faz algumas considerações sobre os objectivos que presidiram à concepção do seu trabalho:

Although volumes have been written on the life of Charles the Second, his biographers give us but the barest glimpse of his marriage or his wife. (...) In presenting this marriage of one of our most popular Kings I have endeavoured to point that which seems to have been overlooked by his many biographers: the psychological effect upon him of his wife's patience, forbearance, and courage when confronted by those iniquitous persecutions that might well have brought her to the scaffold. Not until his full realization of her true worth, during these years of Terror, does the King emerge as the wise and brilliant politician acknowledged by modern biographers, in contrast to the Victorian's opprobrium of a self-indulgent profligate, spendthrift, and womanizer. (Leslie: 322)

O título da obra é claramente metafórico: o ceptro é Charles II, a rosa é D. Catarina de Bragança. É dessa forma que o narrador a



designa em determinado momento, através de uma expressão que se aproxima mais do castelhano:

He, for the present, was completely absorbed with his little girl wife, his *pequeña rosa* as he called her. She, in her naivety and innocence, contented him more than any of those others, schooled in all the artifices of the alcove. (...) (Leslie: 27)

Catherine não dominava, nessa altura, a língua inglesa e Charles II não dominava o português e, tal como nas cartas, a língua espanhola foi muitas vezes utilizada pelo par real para comunicar. A narrativa tem início em Lisboa, no momento do embarque no navio *Royal Charles*, tendo como pano de fundo a descrição dos festejos e celebrações em Lisboa e no Tejo pelo embarque de Catherine, rainha de Inglaterra, privilegiando o aspecto humano do momento em que os irmãos, D. Afonso e D. Pedro, se despedem, descem do navio e regressam a terra:

In the state cabin of the Admiral's ship she stood surrounded by those privileged to accompany her aboard.

Very young, very small, and almost entirely extinguished by the circle of towering *hidalgos* and the sombre ladies of her mother's Court, she suffered a succession of lachrymal farewells with an equally, if artificial, lachrymose response.

Her brothers, Alphonzo, the King, and Pedro, the Infante, were the last to leave. Having indulged in the abundant celebrations preceding her departure, they plentifully wept; not so Catherine. She had shed no tears (...). (Leslie: 2)

A jovem Catherine é, de início, caracterizada como ingénuo, infantil e engraçada, com os seus hábitos e tentativas de adaptação a tantos aspectos, entre eles, a língua inglesa; simultaneamente, revela uma personalidade vincada, sólida determinação e grande piedade religiosa. Tal como no romance anteriormente referido, também esta autora dá particular relevância ao comportamento e análise

psicológica de Catherine, amplamente idealizada no início. Essa idealização é quebrada no momento em que entra em cena o nome de Castlemaine, amante do rei, que transforma radicalmente o percurso da sua vida em Inglaterra. A autora apresenta ainda aspectos diversificados como o contraste entre a vida na Corte de Lisboa e a vida na Corte de Londres, o episódio da conspiração papista, descreve os problemas políticos e religiosos do reinado de Charles II, entre muitos outros aspectos. A narrativa termina com a morte do soberano, as suas últimas palavras, a descrição da tristeza de Catherine e a proclamação do novo monarca. Apenas no epílogo, já mencionado, se fica a saber que, em Portugal, Catherine chegou a ser rainha regente.

## 9.

Obra rara e difícil de encontrar, *The Portingale*, de Alison MacLeod, (V. Anexo VII) jornalista e escritora, é a história de Catherine of Braganza contada na primeira pessoa. Ao longo de 381 páginas, a autora explora a narração de um ponto de vista exclusivamente feminino num mundo excessivamente masculino: em Portugal foi amada como infanta e venerada por se tornar rainha de Inglaterra e, mais tarde, de novo em Portugal, rainha regente. Em Inglaterra foi rejeitada por parte da população e pouco amada na Corte de Charles II; se algum nobre amavelmente se aproximava dela e a tratava com respeito era afastado da Corte, como sucedeu com o seu primeiro estribeiro-mor. Alison MacLeod esclarece que, tal como em outros romances históricos que escreveu, teve que se documentar para não incorrer em erros que passam de geração em geração como por vezes sucede em determinadas circunstâncias neste tipo de narrativas. Apresenta como exemplo uma carta que induziu bastantes autores em erro sobre determinada atitude e/ou alegado favorecimento da religião católica atribuídos a D. Catarina de Bragança; menciona os principais arquivos e bibliotecas onde fez a sua investigação; e, para além disso, refere como se dedicou a estudar a língua portuguesa como complemento à escrita do

romance. Na realidade, ao contrário de autores de romances aqui já referidos, os nomes portugueses que menciona estão, em geral, correctos: a Infanta é “Catarina” e não “Catalina” e a Condessa é “Penalva” e não “Penelva”, para dar apenas alguns exemplos.

A história começa em Lisboa, em 1662, com a seguinte frase: “My mother was very strict in protecting me”, (MacLeod: 9) projectando em seguida os pensamentos de Catherine, num breve *flashback*, para a sua infância. As personagens são muito elaboradas, mesmo as da Corte de Lisboa, como o rei D. Afonso, contextualizando e perspectivando mais facilmente a figura da sua irmã. A evolução da narrativa é demorada na caracterização de determinadas personagens contemporâneas da rainha: “Father Vieira” a denunciar o tráfico de escravos e a Inquisição; Elizabeth Cellier a tentar fundar um Hospital e um *College of Midwives*; e Aphra Behn a tornar-se a primeira mulher escritora profissional. A autora detém-se, também, em determinados episódios que acabam por se transformar em enredos secundários ou breves *sub plots*, como acontece com a narração da “conspiração papista”. Catherine é descrita como uma mulher que soube conquistar a confiança do soberano, apesar das muitas e variadas amantes, e que no regresso a Portugal teve que governar o seu país, com espírito prático e audaz, diferente da imagem estigmatizada de figura apagada e quase invisível prevalecente em muitas histórias de Inglaterra. Este é um romance histórico que tem a particularidade de apresentar um certo tom feminista e de sublinhar a relevância da defesa dos direitos e liberdades das personagens femininas. O final do romance é ocupado com o Tratado de Methuen em 1703, os diálogos de D. Catarina com os generais de D. Pedro e um desabafo da rainha:

There are people who mean to kill me, and may succeed. But while I live, I must work to protect my country from King Louis. I must bring trade to our harbours, and food to our people. If I could also bring some light into their darkened minds, if I could show them that the religion we profess is nor served by injustice and cruelty, I would be doing them an even greater service. But this task I may have to leave to those who come after me. (MacLeod: 381)

## 10.

*The Pleasures of Love*, de 1991, (V. Anexo VIII) é o nono volume da série *The Queens of England*, de Jean Plaidy. Também deste romance existe uma tradução portuguesa com o título *Os Prazeres do Amor – A História de D. Catarina de Bragança* (2008). (V. Anexo IX) Sob o pseudónimo de Jean Plaidy, a escritora Elianor Hibbert, prolífica autora de romances históricos,<sup>8</sup> dedicou-se, na última década do século XX, a uma rainha sobre a qual não se tinha escrito muito e que não era muito conhecida do público em geral. A obra, sem ilustrações mas com uma bibliografia seminal, é narrada na primeira pessoa e em *flashback*, desde o início da história. Em geral, os romances históricos desta autora são considerados, por alguns críticos, bem escritos, apelativos, bem documentados e reveladores de investigação e pesquisa preliminar. A autora menciona a presença da protagonista em diversos contextos históricos: descreve, por exemplo, o casamento da infanta portuguesa como parte de uma aliança política definida pelos tratados de 1661 e os problemas diplomáticos que a aliança suscitou, uma vez que esta foi apenas apoiada por potências então inimigas de Espanha, como a França e a Inglaterra, que reconheceram a soberania de D. João IV. Este problema foi agravado pelo facto de que o Papa, sob influência de Espanha, não reconheceu de imediato a independência de Portugal, influenciando desse modo outras nações europeias.

Descreve D. Catarina como uma rainha católica numa Inglaterra protestante, recebida, em geral, com grande frieza em termos públicos e privados, obrigada a enfrentar as sucessivas infidelidades do rei. D. Catarina partiu para Inglaterra com uma visão idealizada do casamento e da soberania, visão que rapidamente perdeu quando teve que se adaptar a uma corte licenciosa repleta de intrigas, dominada

---

8. Eleanor Hibbert (1906–1993) foi uma autora britânica que escreveu centenas de romances históricos, organizados em coleções ou por dinastias, de diferentes épocas e nacionalidades. Os seus pseudónimos mais conhecidos são Jean Plaidy, Victoria Holt e Philippa Carr, tendo também utilizado outros nomes como Eleanor Burford, Elbur Ford, Kathleen Kellow, Anne Percival e Ellalice Tate.

pelo rei e por cortesãos libertinos e pelos seus múltiplos *pleasures of love*, expressão que dá o título ao romance. Quando se percebeu de que D. Catarina não daria um herdeiro a Charles II, choveram as pressões para um divórcio, acompanhadas por uma conspiração religiosa sem precedentes, apenas ultrapassada, no final, pelo afecto e defesa da consorte pelo rei. A história é familiar e não muito original: uma jovem infanta cuja felicidade pessoal é subjugada por assuntos de Estado, vivendo à sombra da política e dos ataques e intrigas sofridos. O título da obra é a transcrição do verso de um poema cuja autoria é atribuída ao próprio monarca. John Heneage Jesse, em *Memoirs of the Court of England*, antecedendo a transcrição do poema na totalidade, afirmou o seguinte: “Charles is said to have been himself a poet, and if, as Sir John Hawkins affirms, and as Horace Walpole thinks probable, the following verses were really his composition, he has some merit as a lyric poet”. (Jesse: 329) No último capítulo, intitulado “Portugal”, Catherine, de regresso ao país de origem, tenta não recordar Charles a rir com Barbara Castlemaine, a divertir-se com Nell Gwynne, a deleitar-se a olhar para Frances Stuart ou em embrenhada conversa com Louise de Keroualle, algumas das amantes do monarca e as mais marcantes. Em vez disso, prefere lembrar-se dele junto do seu leito quando esteve quase a morrer, da sua ternura quando os seus inimigos a tentaram afastar do trono e da canção que ele escreveu, gostando de pensar que a última quadra seria para ela:

And so I came home.

The years are passing, as they do quickly as one grows old. I am surrounded by good friends. (...) I would think of the song he once wrote, and I felt that the last verse was meant for me:

‘But when I consider the truth of her heart  
Such an innocent passion, so kind, without art  
I fear I have wronged her, and hope she may be  
So full of true love to be jealous of me  
O then ‘tis I think no joys are above  
The pleasures of love.’

I was the innocent one. He wanted my love. He could never be faithful to any one woman, but that did not mean he did not love. (Plaidy, 1991: 424-25)

Segundo alguns autores, Charles II escreveu-o a pensar em Frances Stuart, jovem muito desejada pelo soberano e com quem muito se distraiu, mas que fugiu da Corte para não ter que ceder fisicamente ao monarca e poder casar com *Lord Richmond*.

*The Merry Monarch's Wife: the Story of Catherine of Braganza*, de 2008, (V. Anexo X) é a reedição de *The Pleasures of Love: the Story of Catherine of Braganza*, de Jean Plaidy, com um título e capa diferentes.

## 11.

Verifica-se, assim, que há tópicos transversais a estes romances históricos, como o facto de D. Catarina se destacar como aquela mulher que se fez respeitar numa Corte que era, no início, totalmente desconhecida e, em tantos momentos e situações, adversa. Também na ficção, os escritores demonstraram que o monarca, que a obrigou a conviver com as suas amantes, por vezes diariamente e nos seus próprios aposentos desrespeitando a dignidade pessoal da consorte, a defendeu publicamente em diferentes ocasiões. Outros atributos comuns na personagem *Catherine* são a sua paciência e a sua perseverança, qualidades, aliás, fundamentais numa consorte. D. Catarina personificou-os na história, na poesia, nas narrativas intimistas e nos romances históricos. Não era dócil como se esperava, diziam alguns. É que, na realidade, a personagem retratada é reveladora de vontade própria e firmeza na moral e religião, o que é diferente de uma representação de passividade ou docilidade.

Em termos literários, a imagem de D. Catarina de Bragança adquiriu no século XX uma configuração singular de normalidade, mais própria e mais adequada, que se encontra no conjunto de artigos, biografias e romances históricos que foram surgindo. Ao contrário de outras figuras da história portuguesa, como D. Inês de Castro ou D. Sebastião, D. Catarina de Bragança não é um mito nacional,

como já se referiu em outros contextos. No entanto, a sua divulgação em Inglaterra e o seu tratamento literário contribuíram para a sedimentação de uma determinada visão de Portugal, dado que falar dela, como D. Catarina ou Katherine ou Catherine ou Kate, falar da sua comitiva, da sua música, da sua religião foi, em tantas circunstâncias, para a grande maioria da população inglesa, a única forma de conhecer Portugal.

D. Catarina viveu pessoalmente a aventura lusitana no mundo através de três tópicos fundamentais do imaginário português: cruzou o mar; deixou, levou e guardou saudades; e, apesar das contingências e controvérsias, viveu pessoalmente o amor, poucas vezes correspondido. Essa aventura portuguesa é retratada de forma intermitente directa e indirectamente, explícita e implicitamente, em língua inglesa na literatura em seu nome. Aliás, já em 1662, o poeta Lancelot Reynolds descreveu, em verso, o itinerário anglo-português da viagem e, simultaneamente, o itinerário da vida de D. Catarina de Bragança como uma aventura — “A Royal adventure” (verso 16). Se o período pós-Restauração se encontra na génese de uma tradição literária inglesa que transformou a figura de D. Catarina numa personagem significativamente representada no seu tempo, foi a posteridade que garantiu a continuidade da tradição e permitiu o estudo e a análise da fortuna literária da imagem de D. Catarina de Bragança. Sobre esta matéria destacam-se, sem dúvida, as biografias e, de modo particular, os romances históricos em língua inglesa sobre a infanta portuguesa que se tornou rainha de Inglaterra.

## Bibliografia

### Fontes primárias

- Barnes, Margaret Campbell. *With all my Heart. The Love Story of Catherine of Braganza*. London: Macdonald. Philadelphia: MacRae Smith Company, 1951.
- Elsna, Hebe (pseud.) [Dorothy Phoebe Anslé]. *Catherine of Braganza, Charles II's Queen*. With portraits. Robert Hale, 1967.
- Jones, Maurice Bethell. *Restoration Carnival. Catherine of Braganza at the Court of*

- Charles II. *A Romantic Biography*. New York: Julian Messner Inc. Publishers, 1937.
- Leslie, Doris, *The Sceptre and the Rose*. London: Heinemann, 1967.
- Lewis, Hilda Winifred. *Wife to Charles II*. London: Hutchinson & Co., 1965.  
Tradução em português: *Catarina de Bragança Rainha e Esposa Humilhada*.  
Tradução de Armanda Veríssimo e Maria de Lurdes Ribeiro. Lisboa: Universitária Editora Lda., 1997.
- Macleod, Alison. *The Portingale*. London: Hodder & Stoughton, 1976.
- Plaidy, Jean. *The Pleasures of Love: the Story of Catherine of Braganza*. London: Robert Hale Limited, 1991 (1st American ed., New York: G.P.Putnam's Sons, 1992). Tradução em português: *Os Prazeres do Amor – A História de D. Catarina de Bragança*. Coleção Penélope. Oceanos Editora, 2008.
- *The Merry Monarch's Wife: The Story of Catherine of Braganza*. New York: The Crown Publishing Group, A Division of Random House, Inc., Three Rivers Press, 2008.

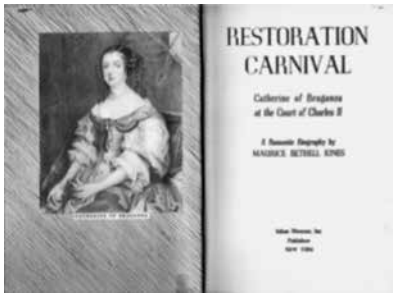
### Fontes secundárias

- Branco, Theresa M. Schedel de Castello. "Dona Catarina de Bragança, Rainha e Mulher." *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, nº46/47, IV série. Lisboa, Setembro de 1973. 56-66.
- Casimiro, Augusto. *Dona Catarina de Bragança Rainha de Inglaterra Filha de Portugal*. Fundação da Casa de Bragança, Portugália Editora, 1956.
- Castel-Branco, Maria da Conceição Emiliano. *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: FCSH, UNL, 2005.
- "D. Catarina de Bragança, Filha de Portugal: Singularidade da Normalidade." *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, nº 17. Lisboa: Edições Colibri/UNL, 2007. 153-64.
- "O Percorso Anglo-Português da Rainha D. Catarina de Bragança." *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº 15. Lisboa: FCT, CEAP, FCSH, 2006. 155-203.
- "The theme of song in England': D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa." *Novos Caminhos da História e da Cultura. Actas do XXVII Encontro da APEAA (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos)*. Organização de Carlos Ceia e Isabel Lousada. Lisboa: APEAA, FCSH, CEAP, 2007. 471-85.
- Davidson, Lillias Campbell. *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal and Queen-Consort of England*. With portraits and illustrations. London: John Murray, 1908.
- Dickens, Charles. *A Child's History of England*. Ch.34. 1851 <<http://www.online-literature.com/dickens/childs-history-of-england/34/>> 22.06.12
- Jesse, John Heneage. "Catherine, Queen of Charles II." *Memoirs of the Court of England during the Reign of the Stuarts, Including the Protectorate*, vol. III.

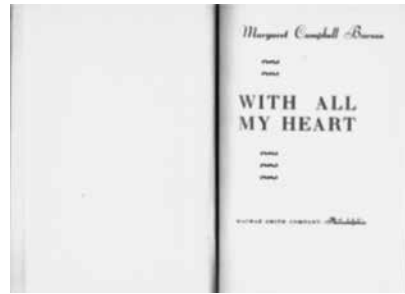


ESTUDOS / ESSAYS

- London: Richard Bentley, 1840. 383-414.
- Mackay, Janet. *Catherine of Braganza*. With portraits. London: John Long Limited, 1937.
- Rau, Virgínia. D. *Catarina de Bragança Rainha de Inglaterra*. Coimbra: Separata de O Instituto. vol. 98, 1941.
- Reynolds, Lancelot. *A Panegyrick on her Most Excellent Majestie, Katharine, Queen of England, Scotland, France, and Ireland: or Her Highness Cordiall welcome into England. Her Royal Majesty landed at Portsmouth, on Wednesday night, the 14 this instant May; to the great joy of all those that truly fear God, and honour the King*. London: R. Vaughan, [1662].
- Sousa, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro. Um Tema Português na Europa*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- Strickland, Agnes. "Catharine of Braganza, Queen-Consort of Charles The Second, King of Great Britain". *Lives of the Queens of England from the Norman Conquest*. Vol. IV. London: G. Bell, 1880-83. 351-510 (1st ed. 1841).



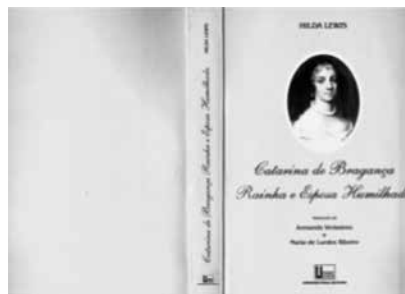
Anexo 1



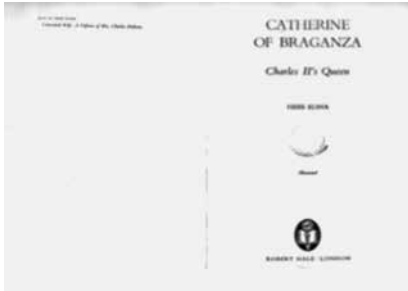
Anexo 2



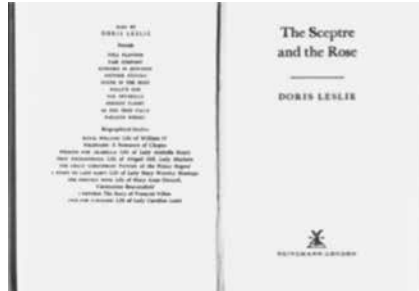
Anexo 3



Anexo 4



Anexo 5



Anexo 6



Anexo 7



Anexo 8



Anexo 9



Anexo 10